

## PREFÁCIO

### REFLEXÕES SOBRE TEMPOS SOMBRIOS\*

Eu vivo em tempos sombrios.  
Uma linguagem sem malícia é sinal de estupidez,  
uma testa sem rugas é sinal de indiferença.  
Aquele que ainda ri é porque ainda não  
recebeu a terrível notícia.  
Bertolt Brecht

Este livro representa um belo esforço de interpretação sobre os tempos sombrios em que vivemos. Tempos sombrios porque de crise. Em meio a uma pandemia que, quando escrevo estas linhas, já ceifou mais de um milhão de vidas no mundo, mais de 150 mil dentre elas no Brasil, segundo os dados oficiais, os estímulos ao senso comum parecem associar a crise a fatores naturais, uma catástrofe inevitável. Cabe ao pensamento crítico desnudar o sentido da crise, como crise capitalista, e apontar para seus determinantes sociais, não naturais. Em 2008-2009, sua manifestação já atingira patamares globais elevadíssimos de redução da atividade econômica e duras consequências sociais. Desde então, a recuperação do mercado mundial foi limitada, nos quadros de uma grande depressão em potência, que em 2020, com o estopim da pandemia global, efetivou-se plenamente.

Quem paga a conta das crises do capital, já o sabemos há muito, é no fundamental a classe trabalhadora.

No mundo todo, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) estima que foram perdidos o equivalente a 345 milhões de empregos em tempo integral nos primeiros três trimestres de 2020. Na América Latina, segundo a mesma OIT, 34 milhões de pessoas perderam o emprego e 32 milhões saíram, ao menos temporariamente, da força de trabalho. Com isso, a renda do trabalho no mundo caiu 10,7% nesses três primeiros trimestres de 2020, em comparação com o ano anterior. O resultado é estimado, pelo Banco Mundial, no acréscimo de 150 milhões de pessoas à parcela da população que vive em pobreza extrema (renda de menos de

---

\*DOI – 10.29388/978-65-86678-37-6-0-f.13-16

U\$ 1,90 por dia), que no total já somam quase 10% da população mundial.

Enquanto isso, os relatórios da Oxfam mostram que as 32 empresas mais rentáveis do mundo conseguiram U\$ 109 bilhões de lucros extraordinários durante os primeiros meses da pandemia. Somente os 25 maiores bilionários do mundo haviam aumentado seu patrimônio em U\$ 255 bilhões nos primeiros em três meses de pandemia. A fortuna dos bilionários do mundo chegou a U\$ 10,2 trilhões, um incremento de 25% em relação ao ano passado, segundo relatório do banco suíço UBS e da consultoria PWC.

No Brasil, os dados sobre trabalho e emprego são trágicos. No trimestre de maio a julho, o IBGE registrou uma taxa de desocupação (desemprego), de 13,8%, a maior desde 2012. São mais de 13 milhões de desempregados(as). O nível de subutilização (pessoas trabalhando menos horas do que poderiam/gostariam) estava em 7,0% e o percentual de desalentados (desocupados que não procuraram emprego no período) em 5,3%. Na combinação, a taxa composta de subutilização (mais próxima do desemprego real), chegou a 30,1% no mesmo período. Com isso entendemos por que o nível de ocupação das pessoas em idade ativa atingiu seu patamar mais baixo na história recente, com apenas 47,1% de pessoas empregadas.

Mesmo assim, o fato de estar empregado, em meio a esse mar de desocupação, não é, porém, uma garantia de segurança social. Um estudo divulgado nos primeiros dias de outubro de 2020, pelo jornal Valor Econômico, mostrou que 45,5% dos empregos no país são de “baixa qualidade”, pois pagam salários baixos, são instáveis e/ou de jornadas muito longas.

Na vigência do “auxílio emergencial” de R\$ 600,00, aprovado pelo Congresso Nacional, contra a indicação inicial do governo, ainda no início da pandemia, os indicadores de pobreza extrema no Brasil foram revertidos momentaneamente. Com a diminuição pela metade do valor do auxílio nos três últimos meses do ano e sua extinção em 2021, pode-se prever uma situação de crise social ainda mais aguda. Mas, é evidente que também no Brasil o peso da crise não é distribuído equitativamente na pirâmide social. Os 42 bilionários brasileiros aumentaram seu patri-

mônio em U\$34 bilhões de dólares nos primeiros meses da pandemia, segundo os dados divulgados pela Oxfam.

Em síntese, o “novo normal” se apresenta como um período de maior precariedade no trabalho, crescimento da miséria social, em paralelo à elevação obscena da concentração de riqueza nas mãos do 0,1% mais rico da população brasileira e mundial.

Aqui, na periferia dependente, a receita do capital para superar a crise envolve, como no centro da acumulação global, as chamadas medidas de austeridade, entendidas como corte dos gastos públicos (aqueles destinados a serviços públicos que atendam à maioria da população), de forma a garantir o pagamento das dívidas dos Estados, combinadas a (contra)reformas legais que reduzam direitos do trabalho, de maneira a ampliar a fatia do trabalho excedente apropriada pelo capital em sua luta (literalmente) de morte para conter a tendência à queda da taxa de lucros. Os países centrais para a acumulação capitalista, porém, dispõe de possibilidades de apropriação de fatias maiores das transferências de capitais a partir de seus investimentos na periferia – amplificando as expropriações e a extração de valor sobre os povos periféricos. Enquanto ao capitalismo periférico e dependente resta, por isso mesmo, ampliar a superexploração sobre a força de trabalho e promover reformas regressivas austerizadas, em um ambiente social no qual as políticas públicas nunca chegaram a se efetivar como direitos universais e parcelas expressivas da classe trabalhadora já vivem entre a pobreza absoluta e a sobrevivência precária. É esse o quadro em que se desenrolam as (contra)reformas neoliberais de 3ª geração no Brasil – o asfixiante teto de gastos da EC95; a reforma trabalhista de Temer, aprofundada por Bolsonaro e Guedes; a generalização das terceirizações; a reforma da previdência de 2019 e as ameaças que estão por ser enfrentadas no próximo período. São políticas econômicas ultraneoliberais, para enfrentar uma crise de proporções gigantescas, conforme a lógica do capitalismo dependente.

Resta saber de que forma o capital poderá administrar a dominação de classes, diante do aprofundamento da questão social – em um nível no qual podemos dizer que o mundo todo está transformado em um verdadeiro barril de pólvora. Em várias áreas do planeta, a associação entre ultraneoliberalismo e ascensão da ultradireita é perceptível e nos dá

algumas pistas sobre as estratégias a que a dominação burguesa pode recorrer, em situações extremas, nas quais a lógica do extermínio da oposição de classe do jogo político pode ser acionada. Enquanto na Europa a extrema-direita propaga-se através do discurso anti-imigração, no Brasil, a velha autocracia burguesa (Florestan Fernandes) recorreu à face neofascista, elegendo Bolsonaro, com uma ideologia que combina: saudosismo da ditadura; anticomunismo tosco (transmutado em antipetismo e, à sua esquerda, no ataque ao PSOL); associação com o conservadorismo moral/sexual difundido pela liderança política evangélica; discurso do “bandido bom é bandido morto”, como receita para a violência urbana; lavajatismo da retórica anticorrupção acionada seletivamente; além das doses elevadas de racismo, misoginia e lgbtfobia que marcam o discurso bolsonarista.

Podemos lembrar que toda crise social é um momento em que se reatualiza o dilema da tendência capitalista a aprofundar a barbárie, frente à possibilidade das lutas populares alcançarem patamares mais amplos e horizontes antissistêmicos. Nas lutas internacionais contra o racismo, cujo epicentro foram os Estados Unidos nos últimos meses, assim como nas estratégias auto-organizadas de solidariedade de classe para sobreviver diante da ameaça do vírus e da fome nos primeiros meses da pandemia, tivemos um vislumbre desse potencial da luta de classes.

Quer compreender em profundidade essas questões que aqui apenas enunciei? Crise capitalista mundial; desigualdades extremas e precariedade laboral na América Latina em geral e no Brasil em particular, aprofundando a questão social; políticas públicas em tempos de ultraneoliberalismo; ascensão da extrema-direita na Europa e no Brasil e muitas outras questões conexas são abordadas com maestria, por especialistas brasileiros e internacionais, neste “Trabalho e os limites do Capitalismo: novas facetas do neoliberalismo”, que o leitor ou a leitora agora tem em mãos e que tive o prazer de ler antecipadamente e prefaciá-lo. Devore-o para decifrar alguns dos dilemas destes nossos tempos tão sombrios e, quem sabe, encontrar a luz da transformação lá no fim das lutas.

Niterói, outubro de 2020.

*Marcelo Badaró Mattos*